

Monocultivo da cana devasta o Cerrado no Alto São Francisco

CAMPO Com estímulo à produção de etanol, agricultores se vêem cercados pela degradação ambiental

Maria Luisa Mendonça
de Lagoa da Prata (MG)

O CERRADO é conhecido como “pai das águas”. Ele é responsável por abastecer as principais bacias hidrográficas do país. Em seu território estão as nascentes do rio São Francisco e seus afluentes, como o Samburá, o Santo Antônio e o do Peixe, além do rio Grande, que deságua no Paraná. A fauna e a flora são riquíssimas e guardam muitas espécies ameaçadas de extinção. Na Serra da Canastra, foram identificadas mais de 300 espécies de aves e 7 mil de plantas.

No município de Lagoa da Prata, já existe uma usina de açúcar desde a década de 1970, de propriedade de Antonio Luciano, “coronel” e latifundiário, conhecido como um dos maiores grileiros de Minas Gerais. Mais recentemente, a transnacional francesa Louis Dreyfus adquiriu essa usina e expandiu o monocultivo de cana-de-açúcar para a produção de etanol. Nos últimos dois anos, outras empresas passaram a participar do processo de expansão da monocultura da cana na região.

Destruição

Os efeitos são devastadores. Na fazenda de Antonio Luciano, chegaram até a desviar o curso do rio São Francisco para facilitar o escoamento da produção, sem licença ambiental ou estudos técnicos. Tanto no período inicial de implantação da cana, como nessa fase recente, a monocultura substituiu áreas de lavouras e criação de gado, além de destruir as reservas florestais e a mata ciliar. Na implantação dos plantios, as empresas fazem queimadas clandestinas das matas nativas à noite, derrubam e enterram as árvores, para fugir da fiscalização.

“Os contratos são de 12 anos e depois disso a cana já acabou com tudo. A usina usa máquinas pesadas para preparar a terra e causa erosão do solo. Depois, queimam a cana e a cinza se espalha por toda a região. Eu não quis arrendar e estou cercado de cana”, revela agricultor

“Hoje é comum encontramos animais mortos nas estradas, fugindo da devastação das matas. Já encontramos lobo, raposa, tamanduá-bandeira, tamanduá-mirim, lontra, quati, tatu, serpente, garça, coruja e lagarto, além de peixes mortos no rio, como surubins, que chegam a pesar 40 quilos. Plantam cana até na beira dos rios e das lagoas”, afirma Francisco Colares, professor de zoologia na Universidade de Iguatama.

Segundo Colares, a usina de Lagoa da Prata utiliza a água do São Francisco em todo o processo de produção – para irrigação durante o cultivo, para lavar a cana depois da colheita e para resfriar as caldeiras no processamento. Em um dos pontos de captação, o bombeamento é de 500 litros por segundo – quantidade de água suficiente para abastecer todo o município.

Crescimento

O processo de expansão é intenso. A empresa Total constrói uma usina em Bambuí e está prevista a implantação de mais outras três na região – duas em Arcos e uma em Iguatama, além da expansão da pro-

Quanto

7 mil espécies de plantas estão ameaçadas pelo avanço da cana

dução em Lagoa da Prata. O cultivo de cana chega até a Zona de Amortecimento do Parque Nacional da Serra da Canastra, considerada pelo Atlas da Biodiversidade em Minas Gerais como sendo de importância biológica extrema.

O parque fica entre as nascentes do São Francisco e a bacia do rio Grande. A preservação da Zona de Amortecimento (a área circundante ao parque) é essencial para garantir sua conservação. A produção de cana no local causa grande impacto, por seu potencial invasor, o intenso uso de agrotóxicos, entre outros. A usina Itaiquara se instalou no município de Delfinópolis e plantou cana em áreas de preservação permanente, próximas ao grande reservatório de águas de Furnas.

Joaquim Maia Neto, chefe da unidade do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama), responsável pelo Parque Nacional da Serra da Canastra, conta que a cana chega até a margem do reservatório. “Plantam praticamente dentro da água. Desmataram a área e praticaram queimadas, o que representa um grande risco a toda região. O Ministério Público moveu uma ação contra a empresa e esperamos que a área seja recuperada em breve, e os responsáveis, punidos pelo dano ambiental. É necessário que os órgãos competentes fiscalizem essa atividade, pois a monocultura traz sérios problemas ambientais. O Brasil deveria priorizar uma agricultura diversificada”, afirma.

Cercados de cana

O Secretário de Agricultura e Meio Ambiente do município de Luz, Dario Paulineli, descreve outros impactos na região: “A cana se expandiu rapidamente nos últimos anos. A empresa Louis Dreyfus fez muitos contratos de arrendamento com agricultores locais, e o impacto ambiental foi enorme. A usina aplica o veneno de avião e atinge os agricultores vizinhos e a população das cidades. Desmatam madeira de lei, árvores protegidas por lei como o pequizeiro e a gameleira, plantam cana perto das nascentes dos rios, não respeitam os estudos de impacto ambiental. Muitos animais estão morrendo com a devastação das matas”.

Para o agricultor Gaudino Correia, não vale a pena arrendar a terra. “Os contratos são de 12 anos, e depois disso a cana já acabou com tudo. A usina usa máquinas pesadas para preparar a terra e causa erosão do solo. Depois, queimam a cana e a cinza se espalha por toda a região. Eu não quis arrendar e estou cercado de cana. Aqui não tem mais terra para lavoura, e por isso subiu tanto o preço dos alimentos. Meus vizinhos deixaram de produzir milho, feijão, café, leite e arrendaram a terra para a empresa Total. Eu ainda planto milho, feijão e produzo leite, mas para o produtor o preço não aumentou, só para o atravessador e para a população. Ainda consigo produzir leite porque faço a ração. Se fosse comprar, não sobrava nenhuma renda. O preço da ração aumentou 50% e fica difícil criar animais”, descreve.

O agricultor Sebastião Ribeiro tem a mesma posição. “A usina insistiu, mas eu não quis arrendar minha terra. Meus vizinhos arrendaram e depois ficaram com depressão, porque é o mesmo que perder a terra. O que vai acontecer se os agricultores deixarem de plantar alimentos?”, indaga. Ribeiro explica também que a usina faz irrigação da cana com pivô central, usando a água do São Francisco.



Usina em ação: devastação de recursos naturais e da agricultura local

Empresas fazem propaganda enganosa

Ao invés de desenvolvimento, companhias levam degradação ambiental e sobrecarregam serviços públicos dos municípios

de Lagoa da Prata (MG)

Apesar da propaganda das empresas, que dizem gerar emprego e desenvolvimento, organizações locais denunciam que as usinas que operam no Alto São Francisco não respeitam leis ambientais e trabalhistas. “Usam venenos violentos que afetam a saúde dos trabalhadores e da população. Onde antes se produzia milho, feijão, café, leite e outros alimentos, agora é só cana. Não há crédito para os pequenos produtores, mas o Banco do Brasil tem dinheiro de sobra para incentivar as grandes usinas, que destroem o Cerrado e a Amazônia. Essa política vai deixar uma herança de destruição”, prevê Carlos Santana, assessor do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bambuí.

Ele explica que na região “tem serviço, mas só braçal. Os trabalhadores chegam de todas as partes do país para cortar cana e o aluguel na região aumentou muito. Outra consequência foi o congestionamento do sistema de saúde pública. Os cortadores de cana recebem por produção e isso causa a exploração. Muitos ficam doentes e não conseguem mais trabalhar”.

“Como (o presidente Lula) pode dizer que a cana não substituiu áreas de produção de alimentos? As usinas estão trazendo miséria e vai faltar comida na mesa da população”, alerta sindicalista

Estado ausente

Especialistas alertam que não há fiscalização eficiente sobre os impactos sociais e ambientais. Lessandro da

Costa, diretor da Associação Ambientalista do Alto São Francisco, explica que o Estado deveria priorizar a preservação das nascentes dos rios. “É como desgastar as veias que levam o sangue para o coração. Essa expansão tem sido muito rápida e a idéia é dobrar a produção de cana na região. A agricultura familiar vai sumir, e podem faltar alimentos”, afirma.

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa da Prata, Nelson Rufino, denuncia que “a usina Louis Dreyfus causa grande destruição do meio ambiente. O trator da empresa arranca as árvores e depois enterra para esconder o crime ambiental. Somente metade dos canais onde depositam o vinhoto é feita de cimento. Nos outros canais, o vinhoto vai direto para o subsolo e para os rios. Nós chamamos o vinhoto de ‘água que fede’”.

Saúde do trabalho

Rufino descreve ainda os impactos sociais nos municípios da região: “As cidades estão totalmente cercadas, porque a cana chega até as áreas urbanas. A empresa joga veneno de avião e o índice de câncer na população é enorme. Só na minha família temos cinco casos, e isso é comum na cidade. Há mais de 140 trabalhadores afastados por problemas de saúde como tendinite, complicações de coluna, asma e outras doenças pulmonares. Temos registros de cinco casos de mortes por acidentes de trabalho. Dois trabalhadores caíram nas caldeiras, um morreu durante a queima da cana e outros dois faleceram em acidentes com o trator”.

Grande parte dos cortadores de cana é migrante e está vulnerável à exploração e ao preconceito. O local onde vivem, em Lagoa da Prata, é chamado de “Carandiru”. Rufino afirma que, “para os trabalhadores, a situação piorou porque perdemos renda. Ano passado fizemos uma greve de

Quanto

140 trabalhadores estão afastados por problemas de saúde

45 dias e conseguimos um aumento de R\$ 2,50 para R\$ 2,80 por tonelada de cana cortada. Mas a empresa quer buscar uma forma de nos incriminar e está processando o sindicato”.

Superexploração

Outra forma de manipular os trabalhadores é estimulando a competição. Para isso, a empresa os divide em grupos, de acordo com a quantidade de cana cortada. Quem não cumprir a meta, não será contratado na próxima safra. Aqueles que atingem a maior meta vão para a turma dos “touro”, que cortam de 17 a 25 toneladas de cana por dia. Muitos trabalhadores desse grupo foram afastados por problemas de saúde e agora são chamados de “bezerros doentes”.

Mesmo em áreas onde já havia atividade agrícola, o monocultivo da cana gera um grau muito maior de devastação, porque substitui agricultura diversificada por cultivos homogêneos e contínuos, o que leva à destruição total das reservas florestais. A demanda das empresas por grande quantidade de terras de boa qualidade, com acesso à água e à infraestrutura, gera devastação dos recursos naturais e da agricultura local. Portanto, não é verdade que a indústria da cana se expande para áreas degradadas e terras marginais, como afirma o governo.

Moacir Gomes, ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bambuí, conclui que “o presidente Lula não conhece a realidade. Como pode dizer que a cana não substituiu áreas de produção de alimentos? As usinas estão trazendo miséria e vai faltar comida na mesa da população”. (MLM)



Usinas utilizam a água do São Francisco para irrigação e lavagem da cana e resfriamento de caldeiras